
BURACOS, CÃES E BAÚS

NOS PESADELOS DESAMPARADOS

DE ALICE*

DOI 10.18224/frag.v28i2.6008

KÁTIA BARBOSA MACÊDO**

Resumo: o artigo discute o processo analítico de uma paciente enfocando sua vivência de desamparo. Tomou como base a análise de quatro sonhos relacionados ao tema e pontuações sobre a dinâmica transferencial-contratransferencial de seu processo analítico. Está dividido em duas partes: primeiro discute o desamparo e seu desenvolvimento teórico na psicanálise freudiana, em duas dimensões: como situação e como condição. Na segunda parte apresenta a paciente Alice e seus sonhos ilustram a emergência do desamparo no processo psicanalítico, discutindo tecnicamente como abordar o fenômeno na clínica psicanalítica.

Palavras-chave: Desamparo. Clínica psicanalítica. Ansiedade. Impotência.

Somos seres que precisamos do outro para existir como humanos. Se nos falta ajuda, afeto, proteção, acolhimento, contenção, sentimo-nos desamparados.
(Telma Barros)

A palavra *Hilflosigkeit* é utilizada por Freud (1895/1986, 1900/1986, 1927/1986) para se referir ao desamparo e pode ser traduzida como incapacidade de se sair bem de uma situação difícil; de se virar; abandono; impotência e estado de desamparo, aquele que está sem ajuda, desarmado. O desamparo se tratava para Freud de um dado essencialmente objetivo: a impotência do recém-nascido humano que é incapaz de empreender uma ação coordenada e eficaz. Esse termo expressa um estado próximo do desespero e do trauma, sendo que este está diretamente ligado ao estado de impotência e de desamparo do sujeito. O sujeito exposto ao excesso de excitação vive uma situação de desamparo.

* Recebido em: 23.10.2017. Aprovado em: 10.03.2018.

** Doutora em Psicologia pela PUC-SP. Mestra em Educação pela UFG. Master em Psicologia pela EAE de Barcelona. Graduada em Psicologia pela UCG. Psicanalista formada pela IPA. Membro da SPB Brasília. Professora titular na PUC Goiás. *E-mail:* katiabarbosamacedo@gmail.com

O desamparo designa um estado do lactante que, dependendo inteiramente de outro para a satisfação de suas necessidades, se revela impotente para realizar a ação específica adequada para pôr fim à tensão interna. Esta situação decorre do perigo inevitável vivida pelo ser humano devido à sua imaturidade neonatal; é uma experiência primordial da condição do vivente. É também considerado como protótipo da situação traumática geradora de angústia e foi muito bem descrito por Green (1988, p. 151), quando afirma:

A transformação na vida psíquica, no momento do súbito abandono ou privação da mãe quando abruptamente ela ficou desligada de seu bebê, é experimentada pelo filho com uma catástrofe: porque, sem qualquer sinal de alarme, o amor foi perdido de repente. Essa experiência se constitui numa desilusão prematura. O resultado é a constituição de um buraco na textura das relações com a mãe. Repete sentimentos de privação ou abandono da mãe. A mãe continua por perto, contudo, seu coração não está nela. A tentativa fracassa porque o sujeito se mantém vulnerável em um ponto em particular, que é a sua vida de amor.

À medida que Freud desenvolveu a psicanálise, ele esclareceu que existem dois tipos de desamparo: o primeiro é o desamparo motor ou físico, associado ao trauma do nascimento, indicando um perigo real e ligado a fatores externos; o segundo é o desamparo psíquico, indicando um perigo pulsional interno. Ele reconhece que há uma característica comum aos perigos internos, que é o fato de se ligarem a angústia de perda ou separação, o que provoca um aumento progressivo da tensão, a ponto de o sujeito se ver incapaz de dominar as excitações, sendo submergido por elas, o que define o estado gerador do sentimento de desamparo (MACÊDO, 2009; 2011b).

Partindo das ideias de vários autores, além de Freud (1926; 1927; 1930), como Menezes (2006), Morgenstern (2010) e Garcia e Coutinho (2004) temos que a vivência de desamparo expressa a dimensão fundamental e insuperável sobre a qual repousa a vida humana. É o motor na construção da civilização. O homem ergueu a civilização em uma tentativa de diminuir seu desamparo diante das forças da natureza, dos enigmas da vida e, sobretudo, da própria morte. O termo desamparo nos lança à condição de falta de auxílio e à experiência de estar fora de algum sistema de proteção. Essa vivência geralmente é anunciada e acompanhada de uma intensa angústia. É algo do humano que nos ronda e nos confronta com a nossa condição de incompletude e de fragilidade, que indica o desamparo fundamental e, inaugura a necessidade do outro, a partir do qual se funda a capacidade de desejar. A concepção do desamparo indica a base do desespero do homem, quando confrontado à precariedade de sua existência.

DESAMPARO E SEU DESENVOLVIMENTO NA TEORIA FREUDIANA

A elaboração da noção de desamparo na teoria freudiana contou com a ênfase em distintos aspectos. A problemática do desamparo na obra de Freud aponta para duas dimensões: a *erótica e sexual* e a *renúncia pulsional* ou condição para viver em sociedade. O quadro 1, apresentado abaixo, ilustra o desenvolvimento do conceito de desamparo na obra freudiana.

Quadro 1: O desenvolvimento do conceito de desamparo na obra de Freud

Obras de Freud	Aspectos do conceito de desamparo
Projeto para uma psicologia científica (1895)	Freud considera o desamparo como fonte primordial de todos os motivos morais. Estar desamparado é estar à mercê.
A interpretação dos sonhos (1900)	O desamparo associado à falta de uma vivência de satisfação.
Inibições, sintomas e angústia (1926).	Noção da angústia ligada ao medo da perda do amor do ser que ocupa a função de protetor. Angústia é produto do desamparo psíquico da criança frente a uma situação traumática.
O futuro de uma ilusão (1927)	Desamparo passa a ser considerado como uma condição que acompanha o sujeito por toda sua existência.
O mal-estar na civilização (1930)	Desamparo relacionado com a questão da renúncia pulsional. Desamparo no campo social

Nota: Quadro desenvolvido pela autora.

A primeira dimensão, a *erótica e sexual* se liga ao primeiro e segundo momentos acima descritos, abrangendo obras do período entre 1893 1917. Aborda o desamparo original estruturante do psiquismo, ligado a uma situação de desamparo relacionada a um lugar infantil e à sexualidade traumática vinda da mãe, uma reação perante a angústia relacionada pela perda do objeto.

A segunda dimensão, a que relaciona o desamparo a *renúncia pulsional* é produto das obras publicadas após 1926. Apresenta o desamparo não mais apenas como situação, mas como condição para viver em sociedade. Está relacionada à falta de garantias do sujeito sobre seu existir e sobre seu futuro, que é obrigado a uma renúncia pulsional como condição para viver em sociedade.

O TRABALHO COM O DESAMPARO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

A clínica psicanalítica contemporânea confronta-nos com manifestações de sofrimento psíquico, que nos fazem pensar em uma nova forma de mal-estar na civilização, tendo em mente o texto de Freud em 1930. Enquanto Freud deparava-se com uma cultura que cerceava o indivíduo, impedindo a satisfação das pulsões sexuais e agressivas, hoje vivemos em uma sociedade que cultua a liberdade individual como valor absoluto e hegemônico, estimulando a busca de prazer constante, o que resulta em uma experiência de insuficiência e fracasso. Conforme vários autores como Garcia e Coutinho (2004) e Barros (2007), parece que hoje deparamo-nos com manifestações de dor psíquica motivada mais pela exigência de prazer do que pela restrição ao prazer.

Assim, há na clínica atual uma busca crescente de pessoas cuja queixa manifesta mostra-se relacionada às chamadas “patologias do vazio”. Tais inquietações estão associadas às experiências afetivas, à autoestima e às escolhas inerentes à fase que antecede a vida adulta. Por vezes, essas vivências vinculam-se à depressão e constitui um risco importante, que exige um olhar atento, uma focalização da angústia em especial, a criação de um espaço de contenção, a partir do qual possa ser criada a possibilidade de novos contatos com o mundo interno e ressignificação das experiências que possibilitem a melhor utilização dos recursos emocionais.

Em análise, as experiências patológicas de solidão e desamparo encontram, nesses processos, com possibilidades de simbolização que venham a dar sustentação à angústia vivida frente à sensação de ausência e de vazio. A condição da solidão ao encontro se estabelece como eixo em torno do qual as vivências transferenciais ocorrem e o processo analítico evolui. No transcurso da experiência analítica, a vivência da solidão pode ser transformada. Ela se dá por meio de sucessivas situações de separações e de fortalecimento do vínculo, as quais contribuem para que a associação entre tédio e desamparo possa dar lugar a uma experiência de solidão. Na qual a capacidade criativa possa substituir o vazio e a confiança no vínculo e na capacidade de dar e receber afeto resgate o indivíduo do sentimento de desamparo.

Em alguns momentos a solidão é uma experiência necessária, que possibilita o pensar, a reflexão, a introspecção, a diferenciação, o sentir, o fantasiar, o criar e o elaborar. O sofrimento psíquico é o elemento comum a todas as formas de solidão que constituem sintomas e demandam uma abordagem específica. No trabalho analítico, a possibilidade de lidar com as experiências de solidão e desamparo, por vezes traduzidas em termos de experiências traumáticas, exige do analista uma condição de possibilitar a recuperação da representação inconsciente, vinculando-a ao afeto correspondente e, ao mesmo tempo, permitir a criação de uma nova inscrição geradora de uma nova subjetividade. Esta parece ser a tarefa que temos a enfrentar diante da demanda das situações que se apresentam na clínica.

O CASO DE ALICE

Alice chegou para a análise com a queixa de angústia e depressão, com um relato de uma tentativa de suicídio e uma história de vida que indicava uma vivência de desamparo marcante, desde sua concepção e culminando com um quase aborto. Já na primeira sessão, apresentou-me o seguinte relato:

Minha mãe tinha 27 anos e meu pai quase 50 anos quando se conheceram. Ele já era casado e tinha filhos, a caçula tinha oito anos. Quando foi participar de um curso em outra cidade, conheceu minha mãe e os dois começaram a namorar, o namoro durou um ano, exatamente o tempo de duração do curso. Ele percebeu que ela estava grávida, ela negou. Mesmo assim, ele deu um dinheiro para ela abortar e foi embora. Ela não abortou, pegou o dinheiro e construiu um quarto na casa da mãe dela e me deixou nascer. Minha mãe contou que uma vez ligou para ele, e ele disse que se ela ligasse novamente, que ele ia matá-la, que não queria complicação com a família dele. Ela também me contou que quando eu fiz dois anos, ela enviou uma foto minha para o trabalho dele, pedindo para ele dar uma olhada e devolver, ele devolveu a foto em outra carta. Muitos anos se passaram, sem que ele soubesse nada sobre mim. Assim, eu nunca conheci meu pai, nem por foto. Muitos anos se passaram, e quanto eu tinha 16 aos, minha mãe explicou que eu estava grande, precisava estudar, de dinheiro, então, ele começou a mandar dinheiro todo mês, desde quando eu tinha 16 anos até hoje. Ele disse que não precisava fazer DNA, pois ele sabia que eu era filha dele... mas que não ia me registrar como filha legítima, é como se mandasse o dinheiro para que ficássemos caladas. Depois que eu já tinha 16 anos, começou a falar comigo pelo telefone, e às vezes me liga, como outro dia, dizendo que eu era uma filha querida [...].

Assim, Alice me revelava seu desamparo e o quanto teve dificuldade para fazer vínculos e contar com alguém. Assim, ela me sinalizava que aprender a viver uma história a dois era o grande desafio desse encontro. Ela disse sobre si mesma que [...] sempre fui sozinha, caladinha, fazia tudo sozinha [...]

Ainda no início da análise, a ansiedade era tão grande em me comunicar o desespero que sentia, que em nosso quarto encontro ela aprofundou o relato de sua tentativa de suicídio, agora de forma mais detalhada.

É, no ano passado, quando eu tomei os remédios da minha mãe, eu só queria dormir, sumir... queria dormir, sumir, desaparecer. É, fiquei três dias fora do ar, não me lembro de nada, mas dizem que eu ficava gritando para minha mãe que ela devia ter abortado que reclama do alcoolismo do meu marido. Então, me levou num, médico e ligou para a ex-analista e ela mandou ele me dar muita água. Achei negligência dela, irresponsável, eu podia ter morrido [...].

Ao ouvir o relato, me senti impactada pela experiência emocional que tive com essa paciente. Experimentei um medo e uma sensação de ter que ser extremamente cuidadosa com ela. Ao buscar estudar o assunto, me deparei com um comentário de Winnicott (1956, p. 131), que me auxiliou a compreender a dinâmica de Alice:

O suicídio é a destruição do self total para evitar o aniquilamento do self verdadeiro. Quando o suicídio é a única defesa que resta contra a traição do self verdadeiro, então se torna tarefa do falso self organizar o suicídio. Isso naturalmente envolve sua própria destruição, mas ao mesmo tempo elimina a necessidade de sua existência ser prorrogada, já que sua função é a proteção do self verdadeiro contra insultos.

Senti na sua fala que sua grande queixa era o temor de não ser percebida. Talvez esse relato no início de nosso processo tivesse a função de tentar “acordar” a analista, no sentido de me pedir que não repetíssemos ali sua história de abandono e desamparo.

Após um breve relato de apresentação de Alice, passo agora a descrever quatro fragmentos de nosso processo analítico. Eles possuem em comum o fato de se tratarem de sonhos de angústia que tiveram o poder de comunicar simbolicamente a vivência emocional inconsciente. Os três primeiros sonhos foram da paciente e, o quarto foi um sonho contra-transfereencial da analista.

No início da análise, a forma predominante da paciente comunicar-me sua dinâmica psíquica era por meio do relato de sonhos. Comunicava-me sua expectativa em relação à análise e, também o medo de repetir comigo a história vivida nas suas relações primitivas. Assim, trazia-me sonhos com conteúdos de muita angústia de aniquilamento, como o que transcrevo abaixo. O primeiro sonho relatado me traduz sua experiência emocional em relação ao início da análise.

Estava na casa de minha avó onde morei até os 16 anos, com meu filho e um amiguinho dele. Esse amigo já tinha sido visto molestando crianças no condomínio. No sonho, ele arrancou a perna do meu filho. Peguei uns panos e tentei juntar os pedaços, alguém

disse que precisava levar para o médico reconstituir os vasos, fazer uma cirurgia, Eu pensei que do jeito que tinha feito estava bom, mas fiquei insegura se a perna ia ficar colada ou não.

Os componentes simbólicos do sonho, depois de interpretado, revelam o despeçamento emocional e a desintegração de Alice. Talvez a perna (sustentação) arrancada representasse simbolicamente a falta de uma maternagem, de uma mãe suficientemente boa em sua fase primitiva de desenvolvimento. É como se ela também tivesse ‘uma perna que foi arrancada’ e estivesse ali buscando comigo uma forma de ‘remendar-se’. Foi o modo que ela conseguiu me comunicar sua ambivalência em relação ao início da análise, sentindo ao mesmo tempo medo e esperança. Enquanto revelava-me seus sonhos e o trabalho seguia, cada vez mais eu me sentia entrando num mundo de extrema dor e violência.

O segundo sonho que transcrevo foi denominado de o ‘sonho do baú’.

Eu estava presa num quarto, o meu marido tinha arrumado dois homens para me violentar, eu estava pelada, trancada numa sala, e sem nada por perto. Me escondi dentro de um baú e fechei a tampa do baú. Eles arrombaram a porta e abriram o baú. Eu fiquei exposta, e a única forma que eu consegui me livrar do estupro foi passando merda no meu corpo todo [...].

Nesse sonho Alice revela conteúdos relacionados à angústia de invasão e destruição, apresentando todo seu terror ligado à tentativa de enfrentamento. Tentava me comunicar que todo vínculo afetivo, incluindo também seu vínculo comigo representava um risco de destruição. Alice falava dos danos narcísicos e da tentativa frustrada de reparar os danos. Ela também simbolizou o aprisionamento e a falha de suas defesas, pois para sobreviver, ela fantasiava que deveria se mostrar aos outros como repugnante.

À medida que o processo continuava, sentia-me mergulhada em seus terrores, ao mesmo tempo em que experimentava a importância de estarmos tão fusionadas. Acredito que faltou à Alice viver momentos de “enlouquecer junto com alguém”. Quando via Alice repetindo essa dinâmica comigo, pensei que talvez fosse a pulsão de vida na repetição, buscando uma resolução para o conflito intrapsíquico, talvez uma oportunidade para que ela pudesse resgatar nesse vínculo comigo aspectos dessa falha nas relações primitivas.

Nessa fase da análise, Alice começava a aprofundar suas angústias nas relações e nos vínculos e, começou a trazer conteúdos relacionados à repetição, reveladas através de alguns de seus sintomas como dificuldade em lidar com vínculos ou confiar nas pessoas. Seu desânimo e desesperança diante de situações exigiam uma reação diferente da que estava acostumada, tornavam-se cada vez mais evidentes.

Winnicott (1956, p. 403) comentou que “se a mãe proporciona uma adaptação suficientemente boa à necessidade do bebê, a linha de vida da criança é perturbada muito pouco por reações à intrusão. A falha materna provoca fases de reação à intrusão e as reações interrompem o continuar a ser do bebê”.

Sentia-me cada vez mais comprometida com o processo de Alice, tendo em mente as palavras de Kahn (2000, p. 36), que tão bem descrevem nossa tarefa como analistas:

A tarefa terapêutica que herdamos de Freud, a qual consiste em criar um ambiente onde o outro, a partir de sua carência e de sua incapacidade, poderia crescer e aprender a testar

e a experimentar tudo aquilo que até então era uma tentativa de autocura emudecida, ferida e vingativa, a fim de transcendê-la em direção à verdadeira capacidade de confiar nos outros e de personalizar a si mesmo, sem mais sentir-se ameaçado nem pela aniquilação nem por aquela submissão conivente representada pela definitiva dissociação do verdadeiro eu.

O terceiro sonho foi denominado do “sonho dos buracos” e, foi trazido em uma fase em que Alice começava a aprofundar suas angústias nas relações e nos vínculos, trazendo conteúdos relacionados à repetição e ao sintoma de dificuldades de lidar com vínculos, de confiar e de seu desânimo e desesperança diante de situações que lhe pediam uma reação diferente da que estava acostumada. O trecho de sessão transcrito abaixo revela um desses momentos. A sessão inicia com Alice me relatando um sonho:

Estava na casa de minha avó, no quarto que foi meu e um dia tinha sido sala. A parede estava cheia de buracos, e eu estava com uns quadros de vários tamanhos, tentando tapar os buracos. Mas não conseguia. O meu filho levou a lindinha, minha cachorrinha para a escola e comeu ela de lanche no recreio. O estranho é que todo mundo achou isso natural, menos eu. Sai, atravessei uma ponte e cheguei numa feirinha de artesanato. Uma professora estava lá, me viu, eu quis comprar um forro de crochê, mas não tinha dinheiro, ela me disse para eu levar e depois pagava. Encontrei outra professora. Voltei para casa e estava tentando pregar ‘com pregos’ um tapete enorme de crochê na parede, mas não conseguia.

Enquanto a analista escutava o relato do sonho dava nós, prendendo os fios soltos de sua blusa. Então, perguntou para Alice¹:

A-O que esse sonho te faz pensar...

P- Que não adianta tampar o sol com a peneira.

A- É, parece que está difícil tampar esses buracos na parede, e parece que eles cresceram, pois nem quadro, nem forro e nem tapete grande conseguem mais tapá-los.

Nesse momento, me senti tão presa nessa angústia quanto ela, experimentando uma impossibilidade de saída. Alice fez uma identificação projetiva exitosa, me fazendo experimentar o seu mundo e sua impossibilidade de suportar sua experiência emocional emergente, construída por sua angústia.

Ao tentar compreender sua dinâmica, recorri à abordagem de Green (1988), afirmando que quando há problemas ou falhas nas relações primitivas mãe-bebê, o processo de separação-individuação fica comprometido e a pessoa desiste de uma relação objetal. Quando isso ocorre, ela se relaciona com o mundo utilizando a linguagem possível dos afetos, desenvolvendo o narcisismo, a perversão em forma do sadismo-masoquismo ou a melancolia, todas tendo em comum um retorno da catexia objetal para si mesmo.

Os movimentos contratransferenciais eram intensos e a cada término de sessão era por mim experimentado com um intenso sentimento de impotência. O medo de desamparo de Alice era tão grande que esse foi o jeito que ela escolheu para viver. Pude sentir nas entranhas o vazio de Alice. Esses movimentos me levaram à teoria de Green (1988, p. 159), quando afirma:

A transformação na vida psíquica, no momento do súbito abandono ou privação da mãe quando abruptamente ela ficou desligada de seu bebê, é experimentada pelo filho com uma catástrofe: porque, sem qualquer sinal de alarme, o amor foi perdido de repente. Essa experiência se constitui numa desilusão prematura. O resultado é a constituição de um buraco na textura das relações com a mãe. Repete sentimentos de privação ou abandono da mãe. A mãe continua por perto, contudo, seu coração não está nela. A tentativa fracassa porque o sujeito se mantém vulnerável em um ponto em particular, que é a sua vida de amor.

Após essa sessão, fiquei muito angustiada ao pensar na situação de Alice. Essa angústia me mobilizou no sentido de buscar compreender o que estava ocorrendo na nossa relação transferencial e contratransferencial. As palavras de Fagundes (1993, p. 423) me auxiliaram na compreensão do fenômeno que eu estava vivenciando com Alice, principalmente quando o autor afirma que:

quando o analisando transfere para o analista essa vivência fusional, a relação fica paralisada, coisificada, pervertida, cindida entre idealização e perseguição, gerando no analista sentimentos de conluio ou de inutilidade e angústia. O núcleo fusional funciona como um ponto de fixação que rouba a energia do sujeito e o mantém compulsivamente prisioneiro.

Mesmo após buscar compreender teoricamente o que ocorria, meu inconsciente ficou tão mobilizado com o desamparo de Alice que à noite eu construí um sonho contra-transferencial (o quarto sonho descrito abaixo), que foi trabalhado em minha análise pessoal posteriormente, e que me auxiliou a compreender afetivamente a situação de fragilidade na qual Alice se encontrava.

No início do sonho, eu [...] era um cão pinscher (pequeno) com um grande buraco cheio de água na barriga, no lugar dos órgãos. Eu estava no meio de grandes cães rotweillers, bravos e perigosos, que poderiam me esfaquear a qualquer momento. No outro momento, eu cheguei perto do pinscher (já não era mais o pinscher, mas eu mesma observando a situação) e, ao olhar para ele e sua fragilidade, percebi que era um milagre ele ainda estar vivo numa situação como aquela.

Ao acordar, de imediato associei a figura de Alice ao do *pinscher*. Percebi que mais uma vez ela havia feito uma identificação projetiva exitosa e conseguiu me comunicar inconscientemente o tamanho de sua vivência de desamparo e sua impotência relacionada a ela.

Esses sonhos simbolizam o trabalho de construção e representação inconsciente de nosso processo analítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O TRABALHO COM O DESAMPARO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

O bebê nasce cheio de forças, para caber dentro de alguém. Quando ele não consegue ser aceito, sofre um trauma narcísico, criando uma defesa: isolamento. A pessoa que sofre um dano narcísico foge do vínculo com o outro, ela morre de medo. Será que tem coragem de sair da cápsula?

A análise é a possibilidade de construir um vínculo e movimentos de intimidade que se constroem na relação analítica. Na minha experiência com Alice, me vi acompanhando a impossibilidade de acreditar numa condição de vida na relação com o outro, fazendo-me experimentar todo o drama de um trauma, que acredito estar inserido nesse momento inicial de contato com o mundo e com o outro.

Nossa proposta de análise inseria a demanda da construção de um vínculo, onde a tentativa de um movimento de intimidade se impunha. Encontrei em Alice uma mente machucada e ameaçada profundamente na sua história afetiva.

Essa condição de dor me fez lembrar de Mahler (1986), quando afirma que há dois estágios dentro do narcisismo primário. Durante as primeiras semanas de vida extrauterina, prevalece um estágio de narcisismo primário absoluto, marcado pela falta de consciência do agente materno. É esse o estágio que denomina de autismo normal. O segundo estágio caracteriza-se pela consciência turva de que a satisfação de necessidade não provém da própria pessoa, mas de algum lugar externo ao eu: o estágio de onipotência alucinatória absoluta ou incondicional, sendo que esse estágio do narcisismo primário é denominado de onipotência alucinatória condicional..

Os movimentos de Alice de desinvestimento e de retorno a si mesma me faziam sentir como defesa prevalente a permanência desse autismo, deixando de ser então uma etapa e caminhando para uma dinâmica patológica. Alice era assim. Acredito que Alice se vê impedida de alcançar o próximo estágio, o que determina seu permanente sentimento de impotência e de vazio.

Para Mahler (1986), a fase seguinte do desenvolvimento é a simbiose, e tem como característica essencial à fusão somatopsíquica onipotente alucinatória ou delirante, com a representação da mãe e o delírio de uma fronteira comum entre dois indivíduos psiquicamente separados. Nessa fase, a criança começa a perceber que a satisfação de suas necessidades vem de um objeto parcial que teria como função satisfazê-la, e se volta libidinalmente em direção àquela agência ou fonte de cuidados maternos. Esse deslocamento da catexia é um pré-requisito essencial para a formação do ego corporal. Para ela, o autismo e a simbiose normais são pré-requisitos para o estabelecimento do processo normal de separação-indivuação.

Acredito que no decorrer do processo de análise, nos aproximamos em alguns momentos dessa vivência, quando experimento o seu investimento em direção a mim fazendo-me concretamente funcionar como esse objeto parcial. Quando me via sugerindo que ela fosse até o espelho, lancei mão de uma linguagem pré-verbal essencial para a formação do Ego, desde que vivida dentro de uma relação de afeto.

Uma falha nesse processo leva a pessoa a desistir da relação de objeto e reagir: de forma narcísica ou melancólica ou pervertida (modelo sadomasoquista de relação objetal), por serem as únicas formas possíveis para garantir sua sobrevivência.

Marucco (2007) afirma que os analistas devem evitar três perigos ao se trabalhar com a repetição em análise. O primeiro perigo seria o analista cair em tentação de oferecer um destino melhor e diferente daquele que se manifesta na repetição do soterrado. Em segundo lugar, o perigo da tentativa de adaptação do paciente ao que o analista ou a cultura supõem ser mais saudável ou conveniente. E, por último, os riscos de assumir, na análise, a posição do outro, ao invés de tender à sua destituição.

Marucco (2007) apresenta também que a psicanálise contemporânea enfrenta o desafio que representam a repetição, que pode adquirir representação e a do chamado irre-

presentável, com marcas mnêmicas ingovernáveis que às vezes se disfarçam de destino. Para ele, na situação analítica, a presença do analista como função e como pessoa permite que a transferência seja mais que uma mera repetição, para se transformar em uma reedição corrigida e aumentada, essa singularidade real poderia constituir um elemento de simbolização, na transferência, quando, então, possibilita que uma repetição invariável se transforme em uma nova edição representada.

HOLES, DOGS AND CHESTS IN ALICE'S NIGHTMARES OF HELPLESSNESS

Abstract: the article discusses the analytical process of a patient focusing on her experience of helplessness. It was based on the analysis of four dreams related to the topic and scores on the transference-countertransference dynamics of its analytical process. It is divided into two parts: it first discusses helplessness and its theoretical development in Freudian psychoanalysis, in two dimensions: as a situation and as a condition. In the second part presents the patient Alice and her dreams illustrate the emergence of helplessness in the psychoanalytic process, discussing technically how to approach the phenomenon in the psychoanalytic clinic.

Keywords: *Helplessness. Clinical psychotherapy. Anxiety. Helplessness.*

Nota

1 Para os diálogos nas sessões, adotou-se a legenda: A para analista e P para paciente.

Referências

- BARROS, Telma. Solidão, desamparo e criatividade. *Psicanálise*, Porto Alegre, v.9, n.1, p. 265-282, 2007.
- FAGUNDES, José Otávio. Ilusão de fusão e narcisismo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 26, n.3, 1993, p. 423-442.
- FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1895/1986.
- FREUD, S.. *A interpretação dos sonhos* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1900/1986.
- FREUD, S. *Inibições, sintomas e ansiedade* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1926/1986.
- FREUD, S. *O futuro de uma ilusão* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1927/1986.
- FREUD, S. *O Mal-estar na civilização* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1930/1986.
- GARCIA, C. A.; COUTINHO, L. G. Os novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. *Psychê: Rev. Psicanálise*, v.8, n.13, p.125-140, 2004.
- GREEN, A. *Sobre a Loucura Pessoal*. Trad. Carlos Pavanelli, Rio de Janeiro: Imago editora, 1988.
- KAHN, M. Introdução. In: WINNICOTT, D. W. *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*; Tradução Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.
- MACÊDO, K. B. Traduzindo o brincar, a dupla analítica revela os inconscientes. In:

- A.B.C.(org.) *Construções*.1 ed. Porto Alegre: Editora da ABC Associação Brasileira de Candidatos, 2009. p. 119-130.
- MACÊDO, K. B. A dificuldade de estabelecer vínculo psicanalítico: o caso de João e Maria. In: *Anais do XXIII Congresso Brasileiro de psicanálise*, 2011, Ribeirão Preto São Paulo: Editora da Febrapsi, 2011a. v.1. p.26-27.
- MACÊDO, K. B. Da interpretação na transferência. In: *Anais do XXIII Congresso Brasileiro de psicanálise*, 2011b, Ribeirão Preto São Paulo: Editora da Febrapsi, 2011a. v.1. p.14-15
- MAHLER, M. *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. Trad. Jane Russo, 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores,1986.
- MARUCCO, N. C. Entre a recordação e o destino: a repetição. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 41, n.1, p. 121-136, 2007.
- MENEZES, L.S. *Pânico: efeito do desamparo na contemporaneidade: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP,2006.
- MORGENSTERN, A. A onda: um mergulho ao encontro do desamparo. Ide: *Psicanálise e cultura*, v. 34, n. 51, p. 63-81, 2010.
- PEREIRA, S. W. Desamparo e sublimação: uma proposta metapsicologia. *Psychê: Rev. Psicanálise*, v. 4, n. 5, p. 117-32, 2000.
- WINNICOTT, D. W. *O Brincar e a realidade*. Trad. José Abreu, Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1975.